



ENTREVISTA

“Sou reconhecida como a professora da Sociologia em movimento”: entrevista realizada com M. Olga de Lima Caracas

“ I am recognized as a teacher of Sociology on the move”:
interview with M. Olga de Lima Caracas

Brena Kécia Andrade de Oliveira¹
Joana Elisa Röwer²



Síntese biográfica

Ao investigar o ensino de Sociologia no Maciço de Baturité/CE, composto por 13 municípios e 25 escolas de Ensino Médio, conhecemos a professora Maria Olga de Lima Caracas, nascida em 05/09/1959 e formada em Sociologia. A docente ministra a disciplina em escolas pertencentes à região desde 1999, constituindo-se como uma referência educacional nesse espaço geográfico. Registramos que a professora

¹Mestranda em Educação pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). *E-mail*: brenakeciaa@gmail.com

²Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Professora Adjunta da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). *E-mail*: joanarower@unilab.edu.br

possui uma postura de atenção às especificidades e demandas das juventudes e das comunidades escolares, o que contribui para a construção do sentido da Sociologia escolar através da centralidade do contexto e da vida dos sujeitos escolares.

Maria Olga de Lima Caracas é professora de Sociologia no Ensino Médio. Atua há 21 anos em escolas situadas na Região do Maciço de Batutité/CE. Possui bacharelado em Sociologia pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR) e licenciatura em Sociologia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Integra associações e movimentos sociais, com desempenho de ações políticas/educacionais significativas nos contextos em que esteve e está inserida.

Brena Kécia Andrade de Oliveira: Qual foi a motivação para se graduar em Sociologia?

Maria Olga de Lima Caracas: Acho que devo iniciar falando um pouco sobre minhas crenças, aquilo que chamamos de sentimento de pertencimento (crença subjetiva). Cresci sob a orientação de duas matriarcas. Divido aqui o início da construção de minha identidade ou formação humana.

Minha mãe era proprietária de um restaurante na praia de Iracema, que, aos poucos, foi se tornando referência da intelectualidade/boêmia. O “Cirandinha”, por muito tempo, foi “território neutro” frequentado pelos protagonistas da velha política cearense (os coronéis Virgílio Távora, César Cals e Adalto Bezerra, entre outros). Contam os frequentadores do referido restaurante que lá era espaço de grandes decisões políticas. Eu, à medida que crescia, me dava conta de quem era cada um daqueles personagens, reconhecendo suas intervenções, práticas coronelistas e, assim, aprendia sobre o cenário político da capital/Estado. Os boêmios/intelectuais fumadores da “erva maldita” também eram frequentadores de nosso espaço. Eram jovens que falavam da guerrilha do Araguaia, do MR8, do Sendeiro Luminoso (depois entendi que se referiam aos movimentos revolucionários). Comentavam de um país comunista que tinha dois homens que expulsaram os norte-americanos de uma pequena ilha na América Central, bem

como de um partido de trabalhadores que surgia para se contrapor à velha oligarquia política. O Cirandinha durou 37 anos e foi considerado patrimônio afetivo da cidade, porém a especulação imobiliária e os governantes da época nos feriram/atingiram de morte, desapropriando-nos do imóvel. Estudei semi-interna por 12 anos em uma escola cujo diretor era “padre e sociólogo”.

Então, depois da descrição das experiências que incorporaram em mim formas de perceber o mundo (visão de mundo) e que refletem hoje a realidade de minhas vivências individuais, passo a explicar o meu processo inicial de socialização, meu modo de ser (capital incorporado/Bourdieu).

Prestei vestibular no final de dezembro de 1978/1979, na Universidade Federal do Ceará (UFC) - Psicologia, na Universidade Estadual do Ceará (UECE) - Serviço Social e na Universidade de Fortaleza (UNIFOR) - Terapia Ocupacional. Passei nas três IES, no entanto, fui surpreendida com uma passagem para a Inglaterra, onde cursaria inglês durante todo o ano de 1979. Esse fato me fez optar pela universidade particular, pois nela eu poderia pagar e trancar a matrícula. Em 1980, retornei à UNIFOR, no curso de Terapia Ocupacional, entendendo que esse curso/profissão seria útil, pois reabilitaria pessoas. Contudo, quando me deparei com as cadeiras de Química, Biologia e uma grade curricular sem nenhuma correlação com tudo o que me fazia pulsar, a decepção foi grande. Mais uma vez, o universo conspirou a meu favor. No Diretório do Centro Acadêmico (DCA), eu tinha amigos queridos do Colégio Juventus (onde fui semi-interna). Então, 100% do diretório era constituído por jovens do curso de humanas ou ativistas políticos das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e partidos ditos de oposição/esquerda. O DCA organizou uma greve geral na UNIFOR que paralisou a universidade por quase um mês e meio, sob o amplo apoio de Dom Aloísio Lorscheider. Quando a primeira convocatória aconteceu, me reencontrei. Saímos em comissão, fiquei no apoio dos que fizeram greve de fome e que ficaram fora da universidade, em um local mais central e de acesso livre à imprensa e aos apoiadores: a catedral, com permissão do Arcebispo. Descobri que seria bacharel em Ciências Sociais, Socióloga. No comitê da fome estavam dois grandes amigos do colégio Juventus;

entrei no DCA depois de grande rejeição, dada a condição financeira de minha família. Uma mulher (minha mãe) semi-analfabeta-empREENDEDORA que melhorou de vida e deu aos filhos condições que nunca pôde, sem poder sonhar com o acesso a uma educação escolar. Meu avô a proibiu de aprender a ler, pois mulher letrada “servia só para escrever carta pra macho”. Minha vó, escondida dele, pagou aulas para Dona Zezé, minha mãe. Eu os afrontava, porque tinha um carro, e os que andavam de ônibus me taxavam de “riquinha-basal”. Eu fugia totalmente dos padrões estéticos dos hippies (imagem dos revolucionários da época), não estudava dependendo de crédito educativo, era mulher e morava nas dunas. Não me dei por rogada e me tornei parte daqueles que “queriam mudar o mundo”. Em 1982, ingressei no Partido dos Trabalhadores (PT) e fiquei na base, aprendendo, militando, mobilizando. Na ocasião, fui fazer estágio no Programa de Assistência às Favelas da Região Metropolitana de Fortaleza (PROAFA), hoje denominada de Secretaria de Assistência Social (SAS) do Estado.

Joana Elisa Röwer: Quando e como foi sua inserção como professora de Sociologia nas escolas do Maciço de Baturité?

Maria Olga de Lima Caracas: Foi no 2ª semestre de 1999. Vim morar de vez em Aracoiaba em 2000, quando engravidei. Iniciei a docência no 2º semestre de 1999, época em que percebi a necessidade de cursar a licenciatura caso desejasse seguir como professora de Sociologia. Matriculei-me na UECE em um curso denominado de “esquema” do Núcleo de Educação Continuada e a Distância (NECAD), destinado aos bacharéis que desejavam lecionar (complementação). Na época em que aqui cheguei, quem fosse da área de Ciências Humanas (História/Geografia/Sociologia e Filosofia) poderia/deveria complementar a carga horária lecionando outras disciplinas da área. Eu passei por todas elas. A dificuldade de lecionar Sociologia em uma única escola regular foi muito grande, tendo em vista que para termos 20/horas/semanais precisávamos passar por 13 turmas (nossa disciplina era de 50min/aula). Se a escola não tivesse esse número

de salas, torna-se-ia necessária uma complementaridade com outra(s) disciplina(s) da área, ou não, caso o gestor entendesse diferente. Essa situação nos pôs em situação de desgaste físico e emocional. Treze salas na escola (A), como sobreviver com 100h/s? Saímos em busca de outra escola que nos "abrigasse". Ter 200 horas era condição *sine qua non* (indispensável) para receber a gratificação do vale alimentação.

Brena Kécia Andrade de Oliveira: Quais as experiências marcantes na trajetória profissional?

Maria Olga de Lima Caracas: *Sou reconhecida como a professora da Sociologia em movimento.* Desse modo, promovo:

*Anualmente colóquios temáticos na escola, cujos protagonistas são os alunos, mas sempre convido um “palestrante” para assistir o colóquio e depois fazer suas considerações. Os colóquios são de duas formas: com os alunos da escola onde estou lotada e/ou com alunos de outra(s) escola(s).

*Viagens formativas realizadas anualmente para o polo do Sertão central de Quixadá: visitas às IES, como Unicatólica, IFCE, CISNE, UECE e UFC.

*Excursão histórica/cultural: exposições no Centro Dragão do Mar e no Planetário, Seara da Ciência (UFC), Museu Histórico do Ceará, Museu de Fotografia, Museu do Pescador em Mucuripe e no Oceano Atlântico.

*Parcerias com as IES-Unilab, com a professora Violeta Holanda (Unilab).

*Parcerias com o IFCE-Campus Baturité, com o Professor Raimundo Eudes de Souza Bandeira (diretor do campus em 2017).

*Projeto de Reaproveitamento de Alimentos com as escolas Almir Pinto e Ceja-Baturité.

Além disso, oriento projetos anualmente, tais como:

*Projetos de gênero (iniciados em 2013), através dos quais tentamos criar ouvintes e platéia para a instituição de uma política pública social contra violência feminina (com centro de referência-apoio jurídico-psicológico e cursos/capacitações direcionados à aquisição de emprego e renda).

*Mama África, o Berço da Humanidade (2008) – representamos a Escola Almir Pinto na Etapa Estadual - Ciências Humanas.

*Desconstrução das práticas culturais de violência contra a mulher (2013): Escola Almir Pinto na Etapa Estadual - Ciências Humanas.

*As dificuldades das famílias no Processo de Doação de Órgãos (2015).

*Desafios de uma Política Pública no Cotidiano Feminino de Aracoíaba (2017), na Escola Almir Pinto.

*Projeto Câncer de Mama: com o propósito de conscientizar e informar sobre as consequências e formas de tratamento e prevenção (2017).

*Desenvolvimento Sustentável: reaproveitamento de alimentos como oportunidade de Ação Social (2017), no Centro de Educação de Jovens e Adultos - Ceja Donaninha Arruda, em Baturité.

*Políticas Públicas para as mulheres: implementação e enfrentamento da violência no município de Aracoíaba (2018), na Escola Almir Pinto.

*Reflexões sobre Relacionamentos Abusivos na Educação de Jovens e Adultos - Ceja Donaninha Arruda, em Baturité (2018).

*Projeto Doe Maciço: a importância da doação de sangue, órgãos e medula óssea (2019), realizado na escola Almir Pinto em Aracoíaba, com recebimento de honraria do Hemoce sobre a relevância do projeto.

Também foram realizadas ações referentes à violência doméstica, tais como:

*Apresentação do nosso projeto “A desconstrução das práticas culturais de violência contra a Mulher”, na Câmara de Vereadores em Aracoiaba, com a entrega de 800 assinaturas/abaixo-assinado ao presidente da Câmara, na época Ant^a Cláudio Pinheiro.

*Parceria com o Núcleo de Políticas de Gênero e Sexualidade, através da professora Violeta Holanda (Unilab). Fomos com alunas da escola à Unilab e trouxemos até a Escola Almir Pinto a Dra Violeta Holanda, que palestrou sobre violência feminina.

*Visita das alunas ao Instituto Maria da Penha, em Fortaleza/CE. Realizamos colóquios sobre:

*Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006)

*Maioridade Penal (ECA - Lei nº 8.069/90), com a presença dos conselheiros tutelares e Ministério Público – MP de Aracoiaba.

*Terceirização com a presença da representante da Crede 08, Professora e Advogada M^a da Paz.

*Feminicídio (Lei nº 13.104/2015), na Escola Almir Pinto. O evento contou com presença da Dra. Violeta Holanda e do ex-aluno da Escola Almir Pinto, que cursava o 8^a semestre do curso de Direito, Yago Nascimento.

*Júri Simulado: montagem de peças sobre absolvição *versus* acusação, em relação às seguintes temáticas: uso da água, feminicídio, trabalho em condições análogas à escravidão.

Ressalto ainda:

*Três campanhas de doação de sangue em parceria com a Hemoce e a Escola Almir Pinto.

*Realização de projeto: As dificuldades das Famílias no Processo de doação de Órgãos, que rendeu uma premiação pela Fiocruz, no ano de 2016.

*Participação na mobilização, divulgação e instalação da unidade de coleta de bolsas de sangue na Escola de Ensino Médio Almir Pinto/Aracoiaba, através do Hemoce, em 2017

*Realização do projeto Doe Maciço: a importância da doação de sangue, órgãos e medula óssea (2019). O projeto foi premiado na área de Ciências Humanas, sendo o 3º colocado na fase regional do Ceará Científico.

Joana Elisa Röwer: Houve desafios associados à profissão?

Maria Olga de Lima Caracas: Houve, há e sempre existirá, se não fosse assim, não seria educação. Vou pontuar:

I - Problemas de lotação, por motivos de que não obedeço os pactos medíocres que me impõem. Revido, discuto, debato. Não uso o meu nível/certificação para favorecer uma pessoa que não é graduada. Quando meu contrato chegou numa determinada escola, pediram que eu assinasse e o fiz sem ler, devido à pressão de ter que retornar e a verba sair ainda no mês. Quando o dinheiro chegou, eu tinha 200 horas! Entreguei ao gestor o valor de 150 horas que não era meu e sim de alguém que não era formado, porém me colocaram com as 200 horas no contrato via SEDUC - CREDE 8, sendo que verbalmente aceitei as 50 horas.

II - No ano de 2000, eu estava grávida de cinco meses e, ao retornar à escola em busca de lotação, já sabendo da falta de respeito e das atitudes que me sujeitaram a passar pelos desejos do gestor escolar, exigi minha carga horária normal de 100 horas. Fui rejeitada na escola, porque estava grávida, apesar de minha classificação no concurso público para professores temporários ter sido em 1ª lugar. Nessa época, o prefeito me contratou como técnica para ser diretora pedagógica da Secretaria de Educação de Aracoiaba, cargo que prontamente aceitei. No processo dessa nova experiência e mãe há oito meses, minha filha foi acometida por um sério problema de má formação de intestino. Quando tentei voltar para a escola que prestei concurso, desejosa por ocupar a vaga do cargo de

professor de Sociologia, deparei-me com impedimentos por parte do gestor. Fui aceita em outra escola da região. Durante sete anos, período de duração de uma dada gestão municipal e escolar que atuava em total parceria/conivência, fui abertamente considerada “*persona non grata*” para assumir qualquer cargo na área da Educação no município. A ingerência, autoridade e poder de quem comandava o município e a escola do Ensino Médio me “atacaram” em vários espaços de atuação profissional, tais como: ministrar aulas nas escolas locais, ser indicada nos cursos com vagas para tutora e/ou orientadora de cursos de formação continuada, firmados com a UECE do/no município. Apesar de minha qualificação curricular, fiquei “rodando” nas escolas do Maciço de Baturité, mas como eu tive uma boa colocação no concurso, pude ser lotada de forma rápida com apoio da CREDE 08. Meu retorno como professora de Sociologia em Aracoiaba, município onde resido, é devido a uma profissional de Educação da época, a qual intercedeu por mim.

III - Ingerência de gestores municipais na minha lotação, pois sou 20 anos temporária (porém aprovada nos concursos/seleção para temporários).

IV - Problemas de ter que me ausentar da(s) escola(s). Moro em Aracoiaba com marido e filha, antes tinha minha mãe com AVC. Se alguém adoecesse, eu tinha que socorrer, me obrigava a faltar nas escolas. Em um ano, perdi a mãe e meu esposo caiu de um cavalo, ficando tetraplégico por três meses em Fortaleza, na unidade de reabilitação Sarah Kubitschek. Morava na época em uma fazenda a 6km da sede de Aracoiaba. Sem família aqui, sem ninguém para me socorrer. Perdi muito, inclusive de fazer/cursar mestrado.

Brena Kécia Andrade de Oliveira: Quais os sentidos que atribui hoje à profissão?

Maria Olga de Lima Caracas: Difícil, viu! Antes da pandemia, a resposta seria totalmente diferente, porque são 20 anos entre idas e vindas, me reinventando para entender nossa proposta curricular, o menosprezo que é dado à

disciplina. Começo pelo processo de construção de nossa lotação. As disciplinas de “excelência”, aquelas que o professor passa três vezes por semana em uma única sala, são organizadas primeiro, depois nos dão 50 minutos e 05 (cinco) aulas em um só dia, como, por exemplo: 1ª aula na 3ª série com o conteúdo de “movimentos sociais”; 2ª aula corro para o fim do corredor com a 1ª série, de modo a apresentar o tema “trabalho e sociedade”; depois vou ao pátio para a aula na 2ª série, quando falo sobre “cultura e ideologia”; inicia o intervalo. O cérebro fica acelerado. Nesses anos, pude ver as grandes transformações comportamentais das juventudes, “novas formas de serem sujeitos”, e a escola com a mesma cobrança burocrática, calada, sem se impor enquanto instituição transformadora. Trancada nos muros, agora com receio do tráfico, do aluno que peita e sai. Vejo diretores enfurnados em suas salas respondendo aos infundáveis e infundados relatórios estatísticos, e nada muda. Recebemos alunos PNEEs/Portadores de Necessidades de Educacionais Especiais. Não se recusam a recebê-los sem a presença na sala de um profissional especializado, não comprometem o Estado a cumprir a lei que é direito do aluno, não debatem com os pais, com os professores. Falo da realidade que convivo. Não generalizo, pois sei que há exceções. Fico a pensar em como ampliar meu tempo em sala de aula, onde mal consigo respirar. O tempo com eles é pouco. Então, eis que chega o Programa de Residência Pedagógica PRP/Unilab na minha vida. Maior presente para mim como professora de Sociologia, quando tudo passou a ter mais sentido, porque agora nós somos muitos, somos uma instituição. Eu vejo esperança de luta com a ampliação da carga horária, sinto o “ranço” deixado dos anos de chumbo que estigmatizaram nossa disciplina, do sociólogo como um profissional perigoso. Por isso, o Serviço Social é mais aceitável nos concursos municipais aqui em Maciço de Baturité. Agora me sinto segura!

Joana Elisa Röwer: Tem integrado comunidades políticas relacionadas à Sociologia? Se sim, como tem contribuído para a sua profissão e o ensino da disciplina na escola?

Maria Olga de Lima Caracas: Sim, participo. Eu sou do diretório do Partido dos Trabalhadores no município de Aracoiaba. Em termos político-partidários, sou coparticipante do grupo das Mulheres Atingidas por Barragem – MAB, também no município de Aracoiaba. Agora estamos na construção da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais – ABECS e já me considero membro. A contribuição das comunidades políticas não foram poucas. No momento estou atuando só nessas frentes citadas, como o Partido dos Trabalhadores, que, na realidade, não funciona/atua de forma adequada no município. Não representa a essência e nem os princípios do partido. Participo de alguma atividade quando a pauta é do diretório nacional/estatal, mas são ações pontuais e muito raras. Com relação ao MAB, estamos tentando fortalecer a ideia de criar uma política pública social contra a violência da mulher no município de Aracoiaba, porém tudo parou. Então, nós tivemos a ideia de fazer um abaixo-assinado *online*. Já organizamos duas frustrantes tentativas de encontro nas comunidades, mas não deu certo na primeira vez, por conta de transporte e, na segunda vez, mesmo com a logística toda pronta, veio o isolamento social. Essas mulheres são essenciais para mim e para a nossa luta. Primeiramente, elas são mulheres e mães, sentem na pele toda a história do preconceito, da violência, do machismo estrutural. Na minha caminhada, eu percebi que o único grupo de apoio que eu tinha era formado pelas alunas e elas vão embora. Isso significa que estou sempre começando. Nós, residentes desta pequena localidade, estamos há dois anos no aguardo de uma resolução definitiva da justiça sobre as constantes mudanças de prefeito(s) e vice-prefeito(s), tendo em vista que os dois eleitos travam uma briga judicial com STE/Ceará e STE/Federal. Vivenciamos uma situação bastante complexa e inusitada no município referente à gestão municipal. Chegamos a ter em um mês três vezes mudança de gestores assumindo a prefeitura. Até que em dezembro de 2019 foi decretada eleição suplementar. Por razões já explicadas sobre o cenário político, a ideia da audiência pública em defesa da implementação da política pública social foi tomando rumos ditados por esse impasse. Não se pode caminhar para chegar até a Câmara e pedir uma audiência pública também por conta dessa

questão política. Mas, tentando respondê-las, ao longo da minha vida eu estive sempre com e nas ONGs. Esqueci de dizer também que eu morei no Pará/Altamira. Lá trabalhei com grupos da CPT - Comissão Pastoral da Terra, “braço” da Igreja que pregava a teoria da libertação e o fortalecimento do movimento de oposição sindical no eixo Altamira - Santarém. Essa experiência viabilizou meu acesso no curso de Pós-Graduação na Universidade Federal do Pará (UFPA). Então, asseguro que a minha participação em de sala de aula, na docência, só existe porque eu aprendi e me fiz durante toda essa caminhada, com todas as formações como agente social - militante ativista. É possível me identificar, pois eu transcendo a gestão da sala de aula, sou/estou em movimento. Não consigo ficar/estar na escola regendo conteúdos de significados unicamente textuais. É necessário ressignificá-los como um processo criativo e mudar a percepção dos alunos/professores. Acho importante e necessário promover/efetuar ações da prática, do concreto, mesmo que seja em um simples “passeio” de ônibus, que chamo de “passeio histórico cultural” (para ver/conhecer o Oceano Atlântico). Há, nesse ato, a mudança de referenciais de valores. Isso é aprendizagem. Há uma significação que estabelece para/no aluno conteúdos pedagógicos, conteúdos de formação, de construção de uma nova visão, até sobre o mar: o que é viver numa praia?; o que é ser vendedor em uma praia?; por que quando a gente viaja, ir à praia é o lugar mais esperado? Ela é cheia de significados (um sistema de sinais) para as juventudes, em especial aquelas do interior do estado do Ceará. Então, não ficamos lá à toa, não ficamos só tomando banho, mas conversamos sobre os vendedores, sobre a terceirização daquela história, sobre as possibilidades de nos organizarmos no trabalho, sobre a vulnerabilidade de ser um profissional sem carteira assinada, sobre a vida numa cidade grande, sobre o fluxo que aquela cidade tem, sobre a questão da urbanização e das belezas também. Conto para eles sobre a Ponte dos Ingleses, sobre o Dragão do Mar e sobre a importante história de resistência dos moradores da antiga Praia dos Peixes, Praia dos Amores, hoje Praia de Iracema (PI). Então, eu acho que minha atuação como bacharel de Sociologia, trabalhando em ONGs, em associações, na rua propriamente dita e nos movimentos sociais é significativa.

Meu período de intensa atuação política deu-se entre as décadas de 80 e 90, momento de efervescência muito grande no Brasil e de movimentos contra o regime militar. Toda essa militância acontece aqui também em Aracoiaba. Na escola, eu sempre tive à frente de ações de contestação. Já fizemos uma caminhada esse ano. Eu e a professora de Literatura, Lorena Shíria, organizamos um movimento com “as meninas”, do grupo de meninas que provisoriamente chamamos “Conversas Confidenciais”. Essa foi uma de nossas ações. Saimos em “passeata” no dia 08 de março - data que trata de questões referentes à mulher. Numericamente, somos um grupo relativamente pequeno, porém muito expressivo. A manifestação levou para rua nossa energia, palavras de “ordem”, faixas, apitos. Finalizamos na praça em frente à rua principal da cidade de Aracoiaba, na CE-060. Reafirmo que essa foi a primeira ação do grupo, dentre muitas já agendadas. Nesse sentido, abrimos espaço de voz para as mulheres a partir de pequenas ações mobilizadoras e formativas. O foco principal é chegarmos até o poder legislativo e sensibilizarmos os parlamentares para que implementem-apoie-criem “a política pública social contra violência à mulher”. Nessa política deve ser priorizada a criação do Centro de Referência e Proteção da Mulher, com apoio jurídico, psicológico e capacitação para geração de emprego e renda. Esse conjunto de equipamentos e serviços dispensados à mulher fundamenta-se na proteção como direito fundamental, presente na Constituição Nacional, dever do Estado. A “bagagem” ou as experiências do meu ativismo social-político me impedem de ser uma professora “dadora” de aula só com teorias. Precisamos sim de movimento, de andanças, de conhecimento, de sentimento na pele, de contribuição e de reconstrução dos movimentos políticos e sociais. Eu me considero uma ativista social, mais do que uma ativista política.

Brena Kécia Andrade de Oliveira: Considerando que a senhora foi preceptora do Programa Residência Pedagógica (PRP) vinculado ao curso de Sociologia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-

Brasileira (UNILAB), gostaríamos de saber como visualiza a relação da Universidade com a escola, especificamente no que tange ao ensino de Sociologia.

Maria Olga de Lima Caracas: Foi uma experiência tão grandiosa, rica de símbolos/realidades invisíveis. O PRP/UNILAB na disciplina de Sociologia nos trouxe a certeza da necessidade dessa interação, capaz de abraçar as regularidades da vida social, da troca de saberes, do senso comum, da ideia e presença dos residentes na escola e dos conhecimentos acadêmicos entre nós. No início, tudo foi muito tímido como em todo processo que envolve pessoas e compromissos. Pensei que poderia ajudar a partir do que conheço na prática do processo ensino-aprendizagem e eles, os residentes. Nas leituras da disciplina de estágio foi consolidada a práxis/ação concreta. Um ponto extremamente importante foram as produções acadêmicas dos artigos que fizemos a partir das pesquisas e observações de/na escola do olhar/visão sociológica. A questão da interiorização do conhecimento a partir da Unilab traz/deixa seu legado de conhecimento e o chamamento dos alunos a ingressarem na referida IES. O curso de Licenciatura em Sociologia ampliou o quadro de profissionais para regência da disciplina no Ensino Básico, que se mostrava descoberto desse profissional de nível superior, uma vez que grande parte dessa primeira turma de formandos foi direto para o mestrado. Teremos bons quadros nas escolas, nas faculdades e universidades do Maciço. Temos um órgão representativo da categoria, a ABECS-Maciço de Baturité. Como profissional da docência em Sociologia, acredito no processo transformador que os profissionais/docentes/sociólogos trarão à região do Maciço, a partir de contribuições educacionais, políticas, socioculturais e econômicas. Entendo que nós temos o diferencial de muitas outras disciplinas de “excelência”, vistas/montadas a partir de descritores. Somos movimento dos meios de produção e da distribuição, estamos nas escolas públicas, nas ruas, nas letras de músicas, nas telas de cinema, na calçada, na periferia, nas praças, nos espaços públicos. Todos esses espaços são territórios de fala/canal de voz que contribuem para a nossa socialização e nos guiam pelo grande número de significados. Conseguiremos

nos comunicar, seremos entendidos pelos demais integrantes dessa sociedade. “Ninguém solta a mão de ninguém!”. Tem coisa mais linda do que essa frase?

Joana Elisa Röwer: Estamos vivendo um tempo inédito e de incertezas diante da pandemia do Coronavírus. Como a senhora tem vivenciado esse momento como professora de Sociologia?

Maria Olga de Lima Caracas: Na verdade, estamos nos reinventando, pois quem dá o “rumo da prosa” são os decretos governamentais. Em um primeiro momento havia a ideia de paralisarmos de 18/03/20 a 02/04/20. Nesse período, as orientações para a rede de ensino das escolas regulares, que inclui a Almir Pinto, consistiam no uso da plataforma (professor *online*/aluno *online*). Assim, enviaríamos atividades relacionadas a determinado capítulo e poderíamos também enviar *links* de videoaulas, documentários etc. Em um segundo momento, o decreto veio carregado de novas resoluções: disponibilizaram uma plataforma, o *Google Drive Classroom*, e abriram contas para os servidores. Em relação ao acesso dos alunos (a escola fez o chamamento) por convocatórias, via dispositivos móveis, e-mails e outras ferramentas, foi exigido que elaborássemos um plano de atendimento remoto de nossas ações pedagógicas-virtuais de março, abril e maio. Enviamos semanalmente fotos de alunos elaborando as atividades, *prints* de conversas (*WhatsApp*) das orientações pedagógicas. Criaram um instrumental no qual precisamos dar conta do nosso fazer pedagógico por semana. As obrigatoriedades são: duas vezes por mês, realização de videoconferências coletivas; e uma/semana videoconferência por área do conhecimento. Trabalho em duas escolas. Às quartas-feiras, dia oficial das Ciências Humanas, ouço relatos, informes, queixas e exigências da SEDUC - CREDE 08 (nossa coordenação regional). Eles nos revelam sobre o ensino a distância/virtual para alunos de escolas públicas: eles não conseguem ter acesso às plataformas por motivos óbvios, não entendem por não terem domínio das TIC, não têm crédito nos celulares – dispositivo móvel. O acesso à internet é quase nulo, porque moram em zonas rurais, onde não há alcance. Em um terceiro momento de prorrogação do isolamento social

governamental, surgiram as seguintes necessidades: gerarmos média e lançarmos na plataforma o aluno *online*; realimentarmos a plataforma *Classroom*; atendermos e orientarmos alunos através do *WhatsApp* (usamos nosso celular para que essa exigência se concretize). O *WhatsApp* é a maior fonte de envio das atividades. A partir da segunda semana de maio, ministraremos aulas *online* em tempo real, através do *Google Meet*. A mobilização/divulgação ocorre a partir do lançamento da convocatória nos grupos do *WhatsApp*, assim como o calendário/semanal das videoaulas e *links* de acesso. Exigência da CREDE, dos pais, do núcleo gestor, porque só elaborar, enviar e corrigir atividades, dar *feedback*, alimentar duas plataformas e participar de webconferências não justificam nossas ações pedagógicas e salário.

Brena Kécia Andrade de Oliveira: Quais os sentidos possíveis da Sociologia na escola para as juventudes escolarizadas?

Maria Olga de Lima Caracas: A Sociologia, de certa forma, pode reunir condições concretas e capazes de influenciar a constituição da formação de identidade social de alunos/juventudes escolarizadas. A pandemia trouxe a ausência física do contato, da interação professor/aluno/juventude e o reconhecimento da importância e necessidade humana desse espaço de interação e sociabilidade juvenil. Nesses locais são legitimadas a importância da cultura da sala de aula, do espaço escolar e das discussões sociológicas expressadas de forma subjetiva pelos alunos, os quais mostram ser reconhecedores de si enquanto atores sociais. É preciso discutir o cenário nacional, dizem eles quando “leem os desmandos do gestor brasileiro”. Muitas vezes, eles me convocam nas videoconferências para debater atualidades. Como não explicar o AI-5 dos cartazes e carreatas promovidos por apoiadores e noticiados pela TV? Dizem que, com tal ato, o Brasil vai melhorar e o emprego voltará, porque o Congresso deixará de barrar as MPs do presidente. Por outro lado, escutam inúmeras pessoas indignadas com tal manifestação. Então, como entender quem fala a “verdade”? Em tempos de

isolamento e de dualidades ideológicas, os jovens precisam, querem e têm o direito à Sociologia. Os jovens estão em ritos de transição. A disciplina de Sociologia contextualiza a história real dessa luta separatista que vivenciamos. Damos sentido quando explicamos sobre as competições/posicionamentos ideológicos.

Entrevista realizada em: 06 mar. 2020, Aracoiaba-CE.

Recebido em: 30 mar. 2020

Aceito em: 20 jun. 2020.

COMO REFERENCIAR ESTE TEXTO:

OLIVEIRA, Brena; RÖWER, Joana. “Sou reconhecida como a professora da Sociologia em movimento”: entrevista realizada com M. Olga de Lima Caracas. *Revista Cadernos da Associação Brasileira de Ensino de Ciências Sociais. CABECS*, Rio de Janeiro, v.4, n. 1, p.191-207, 2020.